» Ponto a ponto | JEFERSON PROPHETA | VICE-PRESIDENTE DA CROWDSTRIKE

Especialista alerta sobre a necessidade de modernizar a legislação e investir em novas ferramentas para combater crimes no ambiente virtual

Desafios para a cibersegurança

» RAPHAEL PATI

Divulgação

Com o avanço das ferramentas e os ataques cibernéticos, manter um ambiente virtual seguro se tornou um desafio para o setor de tecnologia. Somente no primeiro semestre do ano, o Brasil foi o 4º país da América Latina a registrar mais ameaças de crimes na internet, com 201 mil ocorrências, segundo pesquisa da Eset. A CrowdStrike foi a primeira empresa de cibersegurança a operar com um sistema em nuvem e apostou no avanço da inteligência artificial (IA) desde o início. Ao **Correio**, o vice-presidente da companhia na América do Sul, Jeferson Propheta, fala sobre o papel brasileiro nesse cenário. Segundo ele, é necessária uma modernização constante da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), aprovada em 2017, para se adequar às novas formas de crimes virtuais.

Cibersegurança

"É uma discussão que está na cabeça de todo mundo. É importante remeter o público a entender que a segurança cibernética protege três pilares fundamentais: confidencialidade, disponibilidade e integridade. Quando você manda uma mensagem do ponto A para o ponto B, precisamos ter confidencialidade nesta mensagem. Se não, que confiança eu vou ter de mandar essa mensagem que eu não sei onde vai parar? Depois, a disponibilidade. Precisa estar disponível para poder mandar. Se eu tiver degradação do serviço a todo momento, eu também não vou me sentir confiante em usar."

China

"A China está em uma escalada digital há alguns anos. A grande maioria das empresas que em outros países seriam privadas, na China, são estatais. Usam esse poderio bélico, que está ligado ao ministério de defesa deles, para poder pegar informação. Espionagem é o foco central chinês. Entender onde ele precisa fazer acordos comerciais, onde ele tem que se movimentar de forma estratégica para ter um benefício para a nação, de forma geral."

Coreia do Norte

"A Coreia do Norte encontrou dentro dessa área de segurança uma forma de monetizar. Talvez seja o país, ou um dos países, que mais têm sanções comerciais no mundo inteiro, por conta do seu regime. E eles encontraram na cibersegurança, ou nos ataques cibernéticos, uma forma de monetizar. Então, eles têm objetivos específicos de monetização, de ir atrás, de fazer ataques de impacto ou de roubar criptomoedas, estão brincando de NFT, agora, de contratos inteligentes, então, de alguma maneira, eles tentam sempre capitalizar."

Crime na internet

"Acho que o cenário cibernético, hoje, é extremamente importante. A gente vê muitos ataques que acontecem na vida real, de roubo, de fraude, por exemplo, acontecendo no universo cibernético hoje. É uma forma de se globalizar o crime. Tem muitas organizações criminosas que entenderam que essa é uma forma de se monetizar com um risco muito menor. Cada vez que não cuidamos tão bem da segurança cibernética, estamos aumentando um ambiente, a capacidade de um atacante executar um ataque e tentar monetizar."

Brasil

"Temos um papel bastante importante no cenário de tecnologia mundial. A gente é muito conhecido por ter ótimos profissionais no campo de desenvolvimento, até na própria área de cibersegurança. Muitos trabalham para empresas multinacionais que estão aqui no Brasil, trazendo riqueza, prestando serviço para empresas multinacionais com territórios internacionais."

Mão de obra

"Acredito que o brasileiro tem uma postura muito boa no universo da cibersegurança. Infelizmente, ainda não geramos a quantidade de profissionais necessários. Faltam mais escolas para falar de cibersegurança. Deveria ser uma disciplina em todas as graduações, porque tudo afeta a tecnologia hoje. A tecnologia é um veículo para todo mundo."

LGPD

"A Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD) era muito necessária, mas ainda tem muita oportunidade para melhorar. Precisamos de mais investimento, tanto na agência que fiscaliza, quanto nos próprios parlamentares desenvolverem a evolução da legislação. Segurança e tecnologia evoluem todos os dias. Então, precisamos ter certeza de estar atualizando a LGPD para o que é necessário de ser coberto ao longo do tempo."

Brasil S/A

por Antonio Machado

machado@cidadebiz.com.br

Revolta dos comuns

Os Estados Unidos tiveram dois presidentes disruptivos, no sentido de que as suas visões e políticas impactaram a todos no mundo e não só aos que os elegeram: Franklin Roosevelt, que governou de 1933 a 1945, e Ronald Regan, de 1981 a 1988. Ambos fizeram governos marcantes.

Roosevelt, com o New Deal, enfrentou a Grande Depressão e lançou o governo como promotor do desenvolvimento e de políticas sociais – o chamado keynesianismo. Reagan desmontou excessos desse tempo, desregulamentando e diminuindo as funções do Estado. Começou aí a era do neoliberalismo, ou financeirização das relações econômicas.

O segundo governo de Donald Trump, que não se reelegeu em 2020 e obteve agora uma vitória contundente, que deu maioria ao Partido Republicano na Câmara e Senado, poderá fazê-lo o terceiro presidente dos EUA a desencadear mudanças profundas no mundo, se fizer o que anunciou na campanha e repetiu na saudação ao eleitor.

Trump mentiu, trapaceou, espalhou insultos em baciadas aos rivais e imigrantes, ao feminismo e às políticas identitárias, e fez isso a vida inteira, não só nesta campanha, e venceu em 2016, apesar de não ser levado a sério pelas elites devido a isso, à carreira de empresário sujo, processado por passar a perna nos credores, por ter sido apresentador de reality show, os escândalos sexuais.

A imprensa o tratou como ponto fora da curva, a então direção do GOP, apelido do Partido Republicano, o via com desprezo, liberais da academia e dos meios culturais, ou seja, a esquerda nos EUA, os ricaços de Wall Street e seus economistas porta-vozes do tal neoliberalismo, todos o viam como farsante, um estranho no ninho.

Ele é isso, um outsider em seu meio de milionários jogadores de golfe. Mas, ao renegá-lo como intérprete do sentimento popular, e até caçoar de sua presunção como tal, a elite dominante, sobretudo a dirigente dos partidos Democrata e Republicano, assim como a imprensa, confrontada pelas redes sociais, isolou-se da sociedade e perdeu o elo com os sentimentos sociais majoritários dos EUA. Que Trump entrará na Casa Branca, em 20 de janeiro, é a questão.

Arma de persuasão política

O primeiro governo Trump foi caótico, os secretários e assessores divergiam do que ele pretendia. Mas ficaram diretrizes, como as tarifas para bloquear produtos e tecnologias da China e um esboço de política industrial que ele não foi competente para implantar.

O democrata Joe Biden o sucedeu e não só manteve, como ampliou o cerco à China, e com um time de executivos saídos da BlackRock — portanto, sem afrontar Wall Street — pôs de pé a maior política de incentivos à ressurreição da indústria de ponta nos EUA. O que falhou? Nada disso chegou ao piso da sociedade. Joe Biden e Kamala Harris caíram pela cegueira social e a agenda identitária.

O importante é levá-lo a sério e não bem pelo voto de confiança do eleitor, mas porque, ao contrário do que dizem os críticos, as suas ideias têm lógica, ainda que contrárias ao que achamos certo. Tome-se a indústria de óleo e gás, que ele sempre defendeu. Não é necessariamente um trade-off entre energias limpas e poluentes. Os EUA são o maior produtor mundial de petróleo, com 13,4 milhões de barris/dia, e gás natural, com o dobro da Rússia, segundo maior.

A produção excede o consumo doméstico, de modo que, se aumentar, o preço tenderá a afrouxar, asfixiando países dependentes de óleo e gás exportados, como Rússia, Irã, Venezuela, árabes, até mesmo Brasil — o petróleo do pré-sal tem custo maior que o dos EUA. É, assim, uma arma de persuasão política sobre o Brics+ e a ideia de enfraquecer o dólar, e também sobre a Rússia contra a Ucrânia. E as energias limpas? A essa altura, sendo maior produtor mundial de biocombustíveis e com a energia solar bombando no Texas — onde mora o lobby petrolífero —, não tem mais volta. Seguirá crescendo.

Tarifa convive com inflação

Outra medida disruptiva do governo Trump é o uso das tarifas. A sua aplicação arruína cadeias de produção globalizadas, boa parte assentada na Ásia, especialmente na China. É inflacionária para os EUA, onde a eleição, segundo chiste do economista chefe do banco UBS, Paul Donovan, "foi decidida nos corredores do Walmart, sobre o preço de uma barra de Snickers".

Mas quanto inflacionária? Menos do que alertam os economistas convencionais. As tarifas são aplicadas na origem. Os custos subsequentes não estão sujeitos à tarifa (varejo, atacado, transporte etc.), diz Donovan. Portanto, uma tarifa de 20% sobre um bem de consumo acabado deve aumentar seu preço em cerca de 8% na loja. Elas,geralmente, aplicam-se em bens de consumo duráveis, cujas vendas são menos frequentes.

"Os consumidores estão menos cientes do preço desses bens", diz ele. "As percepções de inflação são formadas pela hiperconsciência do preço de compras frequentes, como alimentos e combustíveis (com menor probabilidade de serem importados). As tarifas podem acabar aumentando a inflação com menos impacto na percepção politicamente importante da inflação." Análises sóbrias são raras entre nós.

Para quem Trump governará

Será de valia à reflexão dos governantes entenderem em que fonte Trump sacia a sua ideologia econômica. Um discurso em 2016 segue atual. Aliás, ainda mais. "Nossa Constituição original nem sequer tinha Imposto de Renda. Em vez disso, tinha tarifa, que enfatizava a tributação da produção estrangeira, não da produção nacional", ele disse.

E seguiu: "Tributamos, regulamentamos e restringimos nossos negócios até a morte. E, então, permitimos que países estrangeiros exportem os seus produtos para nós com isenção de impostos. Quão estúpido é isso?" E mais: "Essa onda de globalização é consequência de uma classe dominante que venera a globalização em vez do americanismo. É uma afronta direta ao nossos pais fundadores, que queriam que os EUA fossem fortes, independentes e livres. Nossos pais fundadores entendiam o comércio muito melhor que nossospolíticos atuais. Pode crer."

"A globalização", destacou, dirigindo-se a Wall Street, "fez a elite financeira, que doa aos políticos, ser muito, muito rica. Eu era um deles. Odeio admitir, era um deles. Mas deixou milhões de nossos trabalhadores sem nada, a não ser pobreza e dor". Por dizer coisas assim, Trump teve votos da classe média branca depauperada dos EUA, de latinos, mulheres, dos negros e operários sindicalizados, invadindo velhos feudos do Partido Democrata.

Tem semelhança com a transferência de votos de eleitores da periferia no Brasil, nas eleições recentes, para partidos conservadores. No fim, a voz do povo fala mais alto. Aqui ela quer ser ouvida.